

DIVERSIDADE SEXUAL E LGBTQFOBIA: DESCONSTRUINDO O PRECONCEITO NA ACADEMIA

Anderson Alexandre de Araújo Sá¹
Kassandra Campos de Oliveira²
Laysa Maria Barauna Lima³
Lúcia Maria Temóteo⁴

RESUMO

Historicamente, a educação sempre foi alvo de grupos dominantes que definiam o seu curso com a finalidade de garantir os seus interesses. Assim, depois de muitas lutas e conquistas, temas como diversidade sexual e gênero são discutidos como um meio de compreender ideologias dominantes, por exemplo, a heteronormatividade e o preconceito em relação aos indivíduos LGBTQ+. Neste contexto, o objetivo deste artigo é expor os efeitos da educação na desconstrução do preconceito, englobando temáticas como diversidade sexual e LGBTQfobia, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista inserida no debate em sala de aula. A metodologia adotada foi uma intervenção realizada com estudantes em classe de uma faculdade privada, no sertão paraibano, com caráter e natureza exploratório-descritiva e abordagem qualitativa, nas quais foram utilizadas frases que remetiam ao preconceito sofrido pelo público LGBTQ+, e realização do debate como ferramenta discursiva. Desta forma, o debate revelou posicionamentos que naturalizavam a heteronormatividade, relacionados à fragilidade de informação, por parte dos universitários, diante dos temas que, conseqüentemente, perpetuam uma ideologia dominante binária, focada nas percepções do que é masculino e feminino, identidade de gênero e seus papéis sociais, seguido de uma participação de homens-cis mais ativa que mulheres-cis. Portanto, embora esta atividade tenha atingido o seu objetivo, ainda é necessária a discussão desses temas, pois houve uma carência de informes entre os estudantes que participaram, atentando para a perspectiva de uma discussão em outras esferas educacionais. Contudo, a atividade proporcionou uma reflexão a respeito do preconceito em relação à diversidade sexual.

Palavras-chave: Diversidade Sexual, LGBTQfobia, gênero, educação.

INTRODUÇÃO

Ao entender a sexualidade como parte da personalidade humana e logo, de caráter subjetivo, compreendemos a pluralidade que permeia sua construção, conforme aspectos psicológicos, sociais, culturais e emocionais, embora os debates acerca da diversidade sexual ainda permeiem por um viés biológico e inato que influencia a limitação e reforça situações de opressão. Neste contexto, o ambiente educacional, tendo em vista seu aspecto de

¹ Graduando do Curso de Psicologia na Faculdade Santa Maria – FSM, andersonalexandrearaujo@outlook.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia na Faculdade Santa Maria – FSM, kassandraoliveira13@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia na Faculdade Santa Maria – FSM, laysaflowers@gmail.com;

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Professora de Psicologia e Coordenadora de Pesquisa em Gênero e Sexualidade na Faculdade Santa Maria – FSM, Membro da Sociedade Psicanalítica da Paraíba, luciatemoteo@gmail.com.

instituição social, deve apresentar significativa contribuição ao processo de formação ética e subjetiva dos sujeitos. Assim, estar em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ainda em vigor, significa que a sexualidade adquire espaço como tema transversal no aspecto da cidadania, em que há o reconhecimento da diversidade e, não somente, limitada à educação sexual, como salientam Silva e Lastória (2019). Todavia, Silva, Brancaloni e Oliveira (2019) apontam à dificuldade de se trabalhar tal tema, uma vez que os valores sociais dominantes e limitantes, acerca da sexualidade, constituem-se como entraves na formação docente dos educadores e nas condutas institucionais.

Fernandes et al. (2016), sinaliza a necessidade de contestar a hegemonia heteronormativa que põe à margem a diversidade sexual e de gênero na sociedade. Os autores sublinham a importância de políticas públicas efetivas que assegurem combater tal hegemonia, não limitada somente ao viés biológico e preventivo sexualmente. Ao contrário, que se preocupe com a repressão social exercida pela visão sociocultural e política nacional, caracterizada pelo enaltecimento das relações heterossexuais, limitação identitária ao genital biológico, em consonância com a emblemática dos papéis de gênero, e o machismo que ressoam no ambiente educacional. Reconhecem, ainda, a resistência de diversos setores da educação de ampliarem a concepção de diversidade disposta nos parâmetros educacionais, aspecto que retrata as práticas sociais de repressão e opressão a nível macro institucional e se contrapõem ao ideal de educação humanitária e inclusiva.

Rizza, Ribeiro e Mota (2016) apontam que a maior parte das disciplinas sobre gênero e sexualidade é optativa e que somente um terço dos docentes que as ministram são pesquisadores da área temática, o que põe em questão se a inclusão da sexualidade nos currículos de ensino superior é de fato efetiva, ou apenas cumpre um planejamento. Neste contexto, é necessário cursos que forneçam informações e discussões acerca do tema, constituindo subsídios para o questionamento e desconstrução acerca da heteronormatividade⁵ e a compreensão e respeito em direção aos indivíduos (SOUSA; SILVA; SANTOS, 2014).

De qualquer forma, é inegável que ocorreram diversas transformações no ensino superior, no que concerne ao aumento de discussões acerca das questões envolvidas no tema da sexualidade na contemporaneidade. A visibilidade desta temática se deu, principalmente, a partir dos movimentos nos meios sociais e educacionais que propuseram tais debates e, por conseguinte, foram introduzidos também no âmbito superior de ensino. Ademais, outro fator

⁵ A heteronormatividade, de acordo com Butler (2010), representa uma materialização dos corpos orientada pela demarcação e diferenciação de uma sociedade essencialmente binária que compreende a heterossexualidade como fator normativo na constituição da identidade e das relações humanas.

de suma relevância para inserção de tais discussões se refere ao aumento de preconceitos e violências, como a homofobia, o sexismo e o racismo (RIZZA; RIBEIRO; MOTA, 2016).

De acordo com Junckes e Silva (2009), a educação escolar, como um todo, apresenta um caráter complexo, visto que, ao mesmo tempo em que possui como princípio ser um veículo facilitador da cidadania e respeito à pluralidade, em contrapartida, reproduz conceitos heteronormativos instituídos como padronização de comportamentos e formas de ser. Outrossim, tendo em vista o tabu ainda existente na contemporaneidade, em relação à discussão da sexualidade, o ambiente escolar, muitas vezes, silencia e/ou nega questões referentes à discussão da pluralidade sexual e de gênero, o que influencia o crescimento de preconceitos, violência e enaltecimento da heteronormatividade (SOUZA; SILVA; SANTOS, 2014).

Silva e Souza (2015) abordam que o ambiente escolar conduz os indivíduos a agirem conforme as regras heteronormativas estabelecidas culturalmente. Diante disto, fica evidente a relevância de uma revisão e ressignificação da função do ambiente educador, no que diz respeito à implantação de estratégias que conecte o indivíduo à realidade na qual está inserido. Assim, facilite a interpretação e ação diante do mundo de forma racional e conscienciosa, no tocante ao reconhecimento da diversidade sexual e na promoção de respeito, tolerância e desconstrução da heteronormatividade.

Por fim, o objetivo deste artigo é expor os múltiplos efeitos da educação a partir de uma prática interventiva realizada com estudantes, em sala de aula, de uma instituição privada, a respeito da LGBTQfobia e outros assuntos pertinentes, por meio do diálogo e reflexão, possibilitando a democratização da educação como estratégia libertadora, na promoção de direitos constitucionais no ensino superior.

METODOLOGIA

O estudo se deu a partir de uma análise de natureza exploratório-descritiva, dentro de uma abordagem qualitativa e de intervenção, tendo como foco a análise de discursos de alunos do ensino superior da Faculdade Santa Maria, localizada em Cajazeiras, no sertão da Paraíba, para obtenção dos dados na presente pesquisa. A iniciativa da intervenção surgiu a partir de um Projeto de Extensão em Gênero e Sexualidade, coordenado por uma professora da instituição, que teve como proposta levar a discussão para turmas, de cursos variados, acerca de assuntos pautados no Gênero e Sexualidade.

De acordo com Borges e Luzio (2010), a investigação de caráter social apresenta uma consciência histórica e articula propensões e perspectivas de mundo historicamente construídas, isto é, a pesquisa que envolve o social considera o sujeito pertencente a uma determinada dinâmica, o que inclui valores e significações que estão em constante transformação. Neste sentido, na pesquisa qualitativa, a ênfase se encontra no processo de investigação e a mesma se dá em relação a situações e fenômenos sociais, tanto do passado, como presente e futuro. Ainda sob esta perspectiva, os métodos utilizados mais frequentemente para esse tipo de pesquisa, e que foram utilizados no presente estudo, são a coleta de dados, observação participante e análise documental (ROCHA et al., 2017).

Foi realizado inicialmente uma dinâmica com 6 alunos, na qual cada um recebeu frases ditas largamente em espaços públicos e veiculadas pela mídia, cujo conteúdo apresenta discursos preconceituosos disferidos ao público LGBTQ+. Buscou-se trazer falas comuns na sociedade, as quais despertassem familiaridade nos alunos e provocassem reações. A turma se organizou em duplas e foi proposto que lessem as frases uns para os outros e, a partir disso, explanassem os sentimentos despertados em forma de debate, bem como opiniões, relatos e conhecimentos envolvendo a temática.

Explanou-se dados estatísticos da homofobia no Brasil, buscando informá-los sobre a gravidade da violência. Em seguida, iniciou-se a apresentação acerca da diferença entre pontos importantes como orientação sexual, sexo, gênero e identidade de gênero, assim como a explicação das siglas LGBTQ+ e questões que englobam identidade de gênero e suas caracterizações. Todo o debate foi gravado, transcrito e utilizado como dados analisados neste arquivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepções acerca da homossexualidade no âmbito educacional

O debate revelou posicionamentos que naturalizam a heteronormatividade, estando ligados à fragilidade de compreensão e informação por parte dos universitários diante da temática de diversidade sexual que, por sua vez, perpetua normas pautadas integralmente na visão masculina e feminina em relação ao sexo, identidade de gênero e o papel social de gênero, refletindo estereótipos e preconceitos que causam invisibilidade ao público LGBTQ+. Outrossim, o discurso, durante o debate, com conteúdo preconceituoso, deu-se, em sua maioria, por parte dos estudantes do gênero masculino, revelando a força da cultura patriarcal

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

e machista sob a manutenção da LGBTfobia. No entanto, essa prática gerou revisões de posicionamentos, reflexões e questionamentos através do debate por parte do grupo de alunos. As falas dos participantes aparecem de forma indireta e indistinta, visto que se captou o debate, sem nomear os autores do discurso.

Eu não tenho problemas com lésbicas. Inclusive, adoro vê-las se pegando (FRASE 1).

Duas percepções surgiram no momento da discussão da frase apresentada. Um participante se posicionou dizendo que achava o conteúdo desta frase normal e que não tinha problemas com gays ou lésbicas, pois não havia distinção entre ser lésbica ou não. O outro participante contestou a normalidade da frase, mas que ela deveria ser repudiada e acentuou que a fala é comum ser dita por homens.

A primeira colocação revela uma atitude equivocada, pois o estudante não entendeu a sutileza do conteúdo implícito na fala e partiu para generalizar a “normalidade” da orientação sexual. Neste contexto, cabe aqui trazer uma reflexão sobre a homossexualidade feminina. De acordo com Ferreira et al., (2017), a lesbianidade se expressa de uma maneira diferenciada quando colocada em comparação com a homossexualidade masculina, principalmente, no que concerne às questões relativas a como esse desejo é interpretado por parte de um grupo de gênero masculino. Neste contexto, o matrimônio, a repressão sexual, a presença da mídia, a educação familiar, são definidores dos papéis de gênero feminino, que quando postos em discussão, sempre voltam a mesma figura, o homem heterossexual como representação do destino das pautas femininas.

Por outro lado, outro participante, declarou que o pensamento por trás da frase carecia de espanto, provavelmente por perceber a posição da mulher enquanto objeto, denunciada na frase. Neste caso, leva-se a pensar que o homem, enquanto figura patriarcal, está constantemente em seu discurso, modulando e reforçando, ao lado de outras instituições, o comportamento das mulheres, funcionando como um gatilho para que a repressão se perpetue e provoque a invisibilidade do feminino na contemporaneidade (FERREIRA et al., 2017; GONZALEZ, 2014).

Ser gay tudo bem, mas não dê em cima de mim (FRASE 2).

Nesta frase, os participantes revelaram que há violência (física ou verbal) quando um homem hétero reage em festas diante de flertes lançados por homens homossexuais. É como

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

se a masculinidade destes fosse frágil. Neste âmbito, como discorre Lehen (2015), o fato remete a uma construção do homem enquanto indivíduo viril, ao qual a sociedade propõe a defesa de um ser com força física, símbolo de potência sexual e o (auto) controle, favorecendo a construção do domínio masculino na sociedade. Ademais, a revelação do lado homossexual produz um efeito a partir do qual ser sensível e frágil revela um componente temperado por nuances de desconstrução em meio a uma sociedade patriarcal, isto é, remove a máscara do “masculino” imposto e resgata uma parte reprimida do ser masculino (TREVISAN, 1997).

Um dos participantes ilustrou a violência contra homossexuais relatando o sofrimento de um amigo que se declarava homossexual e o processo de rejeição dos outros por conta de sua orientação. Diante o exposto, compreender a homossexualidade e suas questões envolve ressignificar “[...] os eventuais conflitos familiares e dificuldades com relação à aceitação da homossexualidade [...]” (SILVA et al., 2015, p. 680). Por outro lado, um dos pesquisadores ressaltou que o sofrimento não está ligado à questão da orientação sexual, mas às imposições da sociedade, destacando que a homossexualidade não é responsabilidade do sujeito que a ocupa, mas de uma sociedade normativa que insiste em vê-la como algo que fere as linhas do que é posto como normal.

Em um dado momento, foi questionado por um dos participantes, se a homossexualidade é algo que o indivíduo já nasce ou se ele decide ser assim, visto que um dos seus amigos demonstrava ser gay, porém ficava com meninas e era tachado como safado. Neste contexto, existem dois pontos que merecem ser interpretados: o primeiro, refere-se ao “demonstrar ser gay”, colocando a homossexualidade como uma categoria que possui características comportamentais; o segundo, o reducionismo através do qual a sexualidade é posta para muitos indivíduos na nossa sociedade. Esta última informação, conforme Judith Butler (2010), em seu livro *Problemas de gênero*, foi questionado através da reflexão sobre múltiplos assuntos em relação ao sexo, gênero e sexualidade, colocando que este último está para além de uma visão estigmatizada em meio a uma sociedade movida pela heteronormatividade.

À orientação sexual, pode-se se dizer, que é fluída e para qual não existe uma regra, em que é preciso saber diferenciar orientação sexual de identidade de gênero e que existe uma construção social, na qual a sociedade coloca o que é certo para homens e para mulheres. Sobre a orientação sexual ser fluida, Miskolci (2009) aponta que, historicamente, o que se convencionou de chamar de *Teoria Queer*, causou uma desnaturalização do sexo e do gênero, isto é, algo que não é determinado pela natureza, mas sim algo que é construído no discurso político, social e cultural, fazendo com que o sujeito elabore a sua identidade e que sua

sexualidade possa ser vista como algo muito mais fluído, quebrando o paradigma estrutural que normaliza os indivíduos através do discurso.

A transexualidade

Embora nenhuma das frases usadas na dinâmica tratasse de forma direta da transexualidade, essa temática veio à tona, evidentemente por estar dentro do conceito da diversidade sexual. Os participantes, por exemplo, questionaram sobre o que seria ser mulher trans, homem trans e se cabe ao indivíduo a escolha de ser cisgênero ou transgênero. A respeito disso, Rodrigues e Alvarenga (2015) apontam que a transexualidade pode ser definida quando o indivíduo não se identifica com o sexo biológico imposto, mas com o gênero oposto ao seu sexo. Neste caso, morfologicamente, a pessoa pertence a um determinado sexo, porém, psicologicamente, esta acredita ser do sexo contrário. Ademais, é difícil chegar a uma conclusão científica a respeito da transexualidade, apesar de ser objeto de estudo de várias áreas do conhecimento.

Segundo Carvalho e Oliveira (2017), no contexto educacional, principalmente, em sociedades que possuem a rede de ensino formal massificada, há uma forte expressão do número de indivíduos que não possuem informações a respeito dos sujeitos que se identificam de uma forma diferentes dos padrões morais reconhecidos e legitimados por uma cultura dominante, impedindo que estas realidades não sejam incluídas e visíveis ao resto da população, como fonte expressiva da diversidade de gênero. Ademais, isto gera preconceito, causando sentimento de injustiça nos grupos compostos por crianças, adolescentes e jovens, quando ainda se encontram no período escolar.

Por outro lado, a medicina ainda compreende a transexualidade como uma patologia, bem como os principais manuais de diagnóstico que a classificam como uma desordem da personalidade relacionada à identidade de gênero. Isso foi alvo de críticas por parte das ciências humanas e sociais e de muitas (os) transsexuais, pois compreendem que esta abordagem corrobora para uma manutenção de rótulo e estigmas sociais, desrespeitando a emancipação desses sujeitos e contribuindo fortemente ao reforço dos padrões socialmente aceitos. Por isso, não reconhecer a transexualidade como objeto de discussão, é mascarar a realidade de indivíduos que se identificam como tal e enaltece uma cultura pautada na privação dos direitos, menosprezo e reprodução de desigualdades na esfera social (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017; BENTO; PELUCIO, 2012; BUTLER, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a atividade realizada para coleta de dados tenha ocorrido dentro de um espaço de produção e troca de conhecimentos, ficou evidente que ainda há uma carência de informações e reflexões dentro do espaço escolar sobre temas relacionados à diversidade sexual. É relevante entender e, por conseguinte, reforçar, que esse tipo de escassez faz do sujeito uma vítima que, infelizmente, acaba se expressando de forma negativa, muitas vezes por não ter informações necessárias ao entendimento destes assuntos causando, assim, a neutralidade diante de temas como os que foram trabalhados.

Por este motivo, essa ação revigora o que foi pesquisado no decorrer do estudo, evidenciando a importância de romper conceitos que causam até mesmo uma hierarquização dentro do próprio grupo LGBTQ, uma vez que quando algum membro se considera mais “macho”, logo, “menos gay” simplesmente por não ser tão afeminado, fazendo com que esse comportamento cause exclusão social. A propagação de conhecimento e a promoção de reflexão nos estudantes são urgentes para, no decorrer desta desconstrução, acontecer uma dedução não somente do que a heteronormatividade tem germinado, mas também, de todas as condutas discutidas por toda a extensão dessa análise.

A metodologia assente para a realização deste estudo possibilitou que houvesse uma troca de conhecimento entre os estudantes e que, sobretudo, houvesse ainda um momento no qual todos pudessem estar refletindo diante de tudo o que foi dialogado e exposto. É de suma importância mencionar o quão significativo pode ser o estímulo à consciência crítica de cada um, de modo a serem, a todo instante, capazes de perceberem os fios que tecem a realidade social e que superam a ideologia da opressão entre a diversidade sexual no país.

REFERÊNCIAS

BORGES, Roselania Franciscone; LUZIO, Cristina Amélia. Pesquisa qualitativa em saúde mental: alguns apontamentos. **Revista de Psicologia da Unesp**. São Paulo, v. 9, n. 1, p.14-23, 2010.

BENTO, Berenice Alves de Melo; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 20, n. 02, p. 559-568, agosto, 2012.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009.

_____. **Problemas de gênero.** Feminismo e subversão de identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARVALHO, Guilherme Paiva de; OLIVEIRA, Aryanne Sérgia Queiroz de. Gênero, transexualidade e educação: reconhecimento e dificuldades para emancipação. **Revista Educação e Emancipação.** São Luís, v. 10, n. 4, p.58-75, set./dez. 2017.

FERNANDES, C. Diversidade sexual e políticas educacionais: possíveis aproximações. In: FREITAS, L. G.; BRZEZINSKI, I. **Políticas educacionais:** neoliberalismo, formação de professores, tecnologia, diversidade e inclusão. Anápolis: Editora UEG, p. 377-395, 2016.

FERREIRA, Sandro Augusto Silva et al. Homossexualidade Feminina, Liberdade Sexual e Interiorização do Ensino Superior. **Cadernos de Gênero e Diversidade.** Bahia, v. 3, n. 2, p.27-47, ago. 2017.

GONZALEZ, Débora de Fina. Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. **Cad. Pesqui.,** São Paulo, v. 44, n. 151, p. 239-243, mar. 2014.

JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Joseli Maria. Espaço escolar e diversidade sexual: um desafio às políticas educacionais no Brasil. **Didáticas Específicas.** ISSN: 1989-5240, v. 5, n. 1, p.142-161, set. 2009.

LEHNEN, Jeremy. Machos em crise? A masculinidade nos romances de Daniel Galera. In: BARBERENA, R; DALCASTAGNÈ, R. (Orgs.). **Do trauma à trama:** o espaço urbano na literatura contemporânea. Porto Alegre: Luminara Editorial, p. 273-300, 2015.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias.** Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

RIZZA, Juliana Lapa; RIBEIRO, Paula Regina Costa; MOTA, Maria Renata Alonso. Disciplinas que discutem sexualidade nos currículos do Ensino Superior brasileiro: produzindo um diagnóstico da situação atual. **Linhas.** Florianópolis, v. 17, n. 34, p.197-224, ago. 2016.

ROCHA, Anacélia Santos et al. **O dom da produção acadêmica:** manual de normalização e metodologia de pesquisa. Belo Horizonte: Dom Helder, 2017. 120 p.

RODRIGUES, Edwirges Elaine; ALVARENGA, Maria Amália de Figueiredo Pereira. TRANSEXUALIDADE E DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da Ufsm.** v. 10, n. 1, p.72-93, 21 out. 2015.

SANTOS, J. A. Gênero na teoria social: Papéis, interações e instituições. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais.** Juiz de Fora, v. 1, n.1, p. 113-129, 2007.

SILVA, Caio Samuel Franciscati da; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; DE OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues. Base nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.** v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, 2019.

SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da; SOUZA, José Antonio de. Relações de poder em práticas escolares heteronormativas e o espaço da diversidade sexual. **An. Sciencult.** Paranaíba, v. 6, n. 1, p.416-430, 2015.

SILVA, Lilian de Souza; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco. **Educação e diversidade sexual. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 7, n. 1, p. 279-293, 2019.

SILVA, Mônica Magrini L. et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas em Psicologia**. v. 23, n. 3, p.677-692, Associação Brasileira de Psicologia, 2015.

SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira da; SANTOS, Claudiene. Diversidade sexual na escola: uma análise das representações sociais de educadores/as. **Educação e Cultura Contemporânea**. Sergipe, v. 11, n. 25, p.390-422, 12 fev. 2014.

TREVISAN, J. S. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, Dario (Org.). **Homens**. São Paulo: Senac, 1997.